



BÉBÉ

BÉBÉ tem quasi seis annos; ha de fazel-os em Outubro. É miudinha, lymphatica, voluntariosa. Foi creada com doce. O seu pequenino corpo é de uma brancura lactea, assetinada, doentia. As pernas são tão fininhas, tão fininhas que parecem cordas de guitarra.

Bébé tem os olhos lindissimos; grandes e humidos. Fazem lembrar os longinuos horizontes aquaticos, de uma monotonia melancolica e vaga.

Bébé é a alegria do lar, a graça da familia, o encanto dos amigos da casa. Cobriram-na de beijos, banharam-na em mimos, vestiram-na de glorias. Quando ella, por acaso, tem um dito precoce, nervoso, infantil, os olhos de sua mãe dilatam-se em uma plenitude orgulhosa e feliz. E, á noite, quando as visitas chegam, repete-se em voz baixa o dito prodigioso e passam nos labios sorrisinhos benevolos, feitos de pontos de admiração. E, Bébé, que parecia entredida, folheando um album, ouviu tudo, percebeu tudo com a sua pequenina orelha, de uma sensibilidade aguda e curiosa.

Bébé, nos appetites, nos gestos, na physionomia, parece-se muitissimo com sua mãe e nada, absolutamente nada, com seu pae. Uma vez, n'um jantar, uma senhora indiscreta fez esta observação á mãe da pequerrucha. *Ella* corou e *elle* fez-se pallido, extraordinariamente pallido...

Bébé tem vaidadesinhas incoerciveis, fortes, imperiosas, como certas essencias d'uma subtilidade penetrante, que se vendem ás gottas.

Bébé vae ao theatro. Chora com as peças adulteras; ri com as farças d'uma jovialidade gordurosa e cynica; aprende os gestos irritantes e convencionaes das actrizes da moda; depois, no outro dia, ao almoço, a Bébé, a innocente Bébé, canta uma copla obscena da comedia que ouvira na vespera. E a mãe abraça-a, beija-a, applaude-a, dá-lhe doces indigestos e diminutivos cariciosos.

1

Bébé usa luvas claras e botinas com saltos á Luiz XV. No verão, quando passeia nos jardins, ao meio dia, depois da missa, as luvas paralyam-lhe as mãos, as botas incendeiam-lhe os pés, a gomma dos vestidos brancos afogueia-lhe a carne tenrinha e delicata, e, comtudo, não chora, não se queixa, caminha hirta, orgulhosa, constringida e quando ella passa dizem as burquezas:

— Que galantinha! Vae como um anjo!
Bébé acredita em bruxas, sabe o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 5.

Quando Bébé chegar aos 16 annos, será pallida e anemica e os seus olhos terão o brilho macerado e triste de que os medicos não gostam. Tocará Offenbach. Ha de rir muito para mostrar os dentes, que são alvos e bonitos. Terá desmaios, allucinações, nevralgias e o estomago fraco. Amará os alferes e os poetas lyricos. De resto não acreditará em bruxas, saberá o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 3.

Aos 22 annos, se casar rica, dará esmolas aos asylos. Deixará morrer de fome os parentes proximos. Trocará seu marido, que ha de ser gordo, pelo primeiro Arthur magro que lhe appareça. No dêdo minimo do pé direito terá um grande desgosto, sob forma de callo. E, além de tudo isto, saberá o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 2.

Eu já o disse: Bébé, tu és a alegria do lar, a graça da familia, o encanto dos amigos da casa. Os teus sorrisos são vermelhos como as amoras e os teus gestos infantis, nervosos, miudinhos, teem, ás vezes, a graça sanguinea dos animaes innocentes. Depois, as tuas rabuges, as tuas impertinencias buliçosas nunca provocaram uma reprehensão, um olhar, uma palavra de enfado. Tens vivido uma vida serena, tepida, unctuosa, como as princezinhas felizes dos contos de fadas. Se tu morresses, tua mãe morreria de magoa, diz ella. Teu pae, aquelle homem, grave e silencioso, que traz remontes nas botas e collarinhos amarellados pelo suor, que ganha duramente o pão alvo e branco, que vós comeis, elle, que falla pouco, porque em quanto tua mãe discute o talhe de um vestido, calcula quantas horas de trabalho serão necessarias para o comprar; elle, que, quando vós rides no theatro está pensando no vencimento de uma letra, na conta da modista, nas dividas do *ménage*, elle, Bébé, tão sombrio, tão triste, tão bilioso, ainda ás vezes, sabe encontrar para os teus beijos, *só para os teus*, um rosto clarificado e satisfeito.

Pois olha, Bébé, quando, ás vezes, te vejo passar na rua embonecada, frisada, pretenciosa, cheia de rendas, cheia de *puffs*, limpando angelicamente, com a ponta do dêdo minimo as pequeninas feridas do teu narizinho arrebitado e guloso, sabes, meu anjo, o que peço a Deus n'esse momento, o que lhe peço do fundo de todo o meu coração? E' que mande um garrotinho que te leve ao paraizo no espaço de 24 horas.

Eu bem sei que tua mãe ha de chorar muito, ha de querer morrer, mas não morrerá, socega, affianço-te eu. Não se morre de dôr aos 26 annos, quando se tem um amante, um remorso e um estomago forte.

Depois, os sinos, Bébé, não chorarão por ti as badaladas sombrias, as monstruosas lagrimas de bronze que choram por nós, que descemos á cova, roidos pelos vicios, mortos pelos desejos, verminados pelas paixões. Quando tu passares tocarão musicas alegres, vivazes, matinaes. Irás mettida dentro de um caixãozinho muito bonito, tão bonito como aquelles cofres preciosos que tua mãe observa, felizmente, nas grandes vidraças dos ourives. Por dentro, será forrado de setim branco e por fóra de setim azul com galões dourados. Irás mergulhada na espuma cariciosa das rendas de Bruxellas. As tuas mãosinhas,

pallidas como marfim antigo, leval-as-has cruzadas sobre o peito. Adornarão a tua formosa cabeça com uma corôa de flores. E tua mãe, louca, febril, soluçante, imprimirá o seu ultimo beijo na tua face de uma pallidez de cêra transparente, com uns ligeiros toques esfumados da côr das violetas. Depois irás dormir no cemiterio dentro d'um sepulchrosinho de marmore branco, desenhado em Pariz.

D'este modo, Bébé, tu não chegarias a casar, o que seria uma fortuna para teu hypothetico marido, viverias no céu, ao pé do anjo Gabriel, que te daria muitos rebuçados, sem te perguntar a taboada, e eu, Bébé, eu, que te pareço tão máu e tão ingrato, comporia em tua memoria um soneto colorido, um soneto moderno, com rimas difíceis.

GUERRA JUNQUEIRO.

A ALMA

— Mamá, nem todas as creanças vão para o Paraizo. Outro dia foi para o cemiterio um menino que tinha morrido; o seu papá

Em cumprimento do disposto na lei de separação, principiou no dia 27 do mez findo o inventario dos bens existentes na Sé de Lisboa, cujo valor é calculado em 3:000 contos, tal a quantidade de preciosidades que se guardam no thesouro d'esta igreja.

e as duas irmãzinhas acompanhavam o caixão e choravão tanto que me fez pena. Iam a chorar: aquelle menino tinha sido máo, não é verdade?

— Eram as orelhas?
— Oh! mamá: era cá dentro.
— Esse lá dentro, Maria, é a tua alma, que se alegra ou se

— Não; naturalmente foi sempre bom, e a sua alma, enquanto choravam suas irmãs, já estava vivendo no Paraizo.
— A alma, mamá? não sei o que é: não comprehendo bem.

entristece: que te reprehende quando fazes o mal, e que está satisfeita quando praticas o bem.

GUERRA JUNQUEIRO.

3

AZULEJOS

— Ah! acudiu o pae, foste um guloso, mas na tua idade não admira; espero que quando fóres maior te has-de corrigir.

— Pois eu cá, disse um terceiro, apanhei o caroço que meu irmão deitou fóra, quebrei-o e comi o que estava dentro, que era como uma nóz. Vendi o meu pecego e com o dinheiro heide comprar coisas, quando fór á cidade.

O pae meneou a cabeça.

— Foi uma idéa engenhosa, mas eu preferia menos calculo. E tu Eduardo, provaste o teu pecego?

— Eu, meu pae, respondeu o pequeno, levei-o ao filho do nosso visinho, ao Jorge, que está coitadinho com febre. Elle não queria, mas deixei lh'o em cima da cama e vim-me embora.

— Ora bem, perguntou o pae, qual de vós é que empregou melhor o pecego que eu lhe dei?

— Foi o mano Eduardo.

Esté no entanto não disia palavra e a mãe abraçou o com os olhos arrasados de lagrimas.

GUERRA JUNQUEIRO

4

JUNQUEIRO ESCRITOR A INFÂNCIA COMO TEMA (1)

Junqueiro foi contemporâneo do escritor Victor Hugo, representante máximo do romantismo francês. A admiração pela sua obra tê-lo-á despertado para as questões sociais.

No século XIX, a Infância tornou-se um dos problemas sociais mais chocantes. Junqueiro incorpora-a como tema recorrente na sua obra, com intuitos moralizantes, o que lhe fez merecer o cognome de *poeta-social*.

1. "Bébé"
A Illustração
N.º 11, 5 Jun. 1889, p. 170-171

2. "O Papão"
A Luz
6 Mai. 1920, p. 3

3. "A Alma"
Brasil-Portugal
N.º 299, 1 Jul. 1911, p. 169

4. "A prova dos pécegos"
Azulejos
N.º 8, 11 Nov. 1907